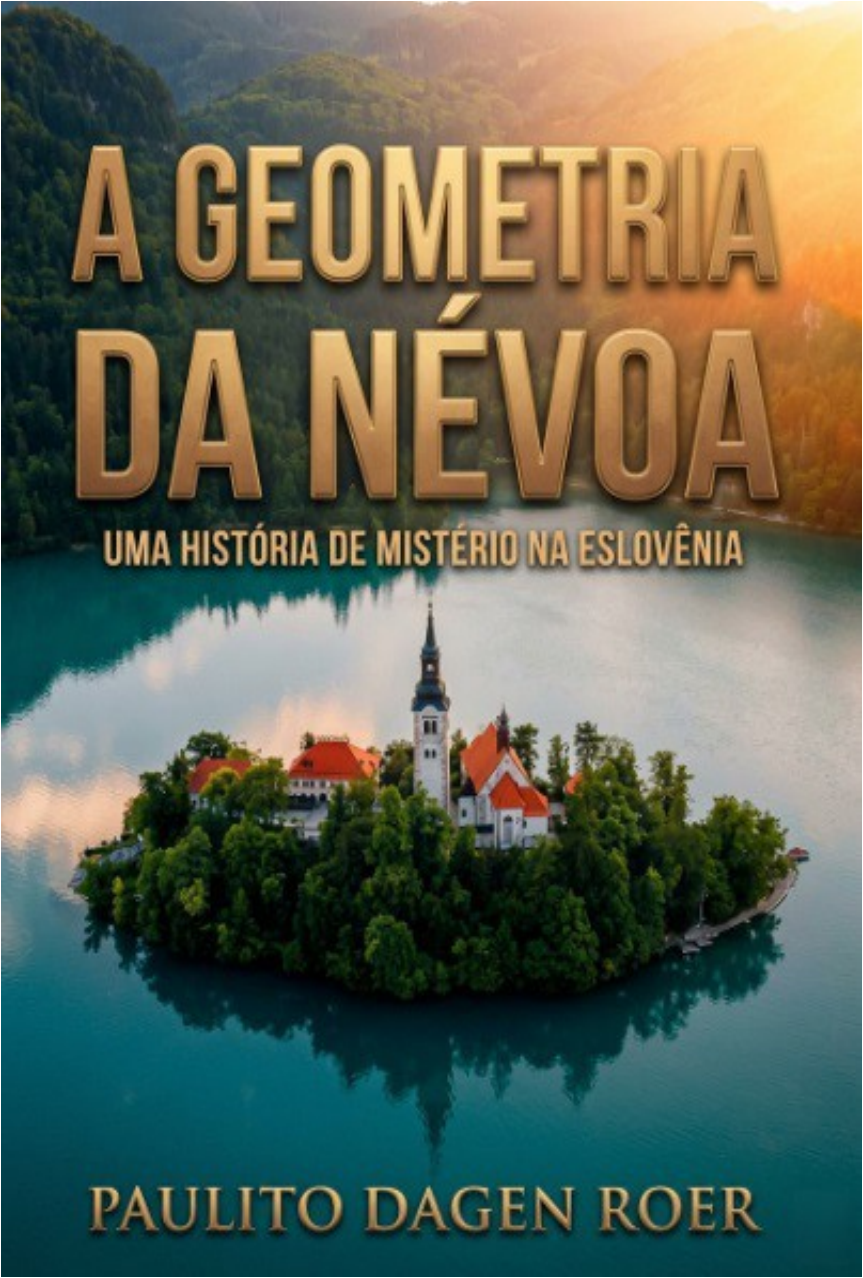




A GEOMETRIA DA NÉVOA

UMA HISTÓRIA DE MISTÉRIO NA ESLOVÊNIA

PAULITO DAGEN ROER

Paulito Dagen Roer

A Geometria da Névoa

Julho de 2024

A Geometria da Névoa
1.^a. edição

capa:

Igreja da Peregrinação da Assunção de Maria

Lago Bled – Eslovênia

@rodar_o_mundo

NOTA DO AUTOR

Este livro não nasceu de um enredo, mas de um diagnóstico.

Nas primeiras décadas do século XXI, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han lançou ao mundo conceitos que deixaram de pertencer à academia para se tornarem a crônica de nossa própria carne. Ao investigar a sociedade do cansaço, o sujeito do desempenho e a agonia do Eros, Han apontou que a nossa maior tragédia contemporânea não é a repressão externa, mas a autoexploração consentida, onde transformamos nossos corpos em empresas, nossos afetos em vitrines e nossa liberdade em uma gerência exaustiva de metas.

A Geometria da Névoa é uma resposta ficcional e poética a esse esvaziamento.

Os sete personagens que cruzam a Europa em direção ao silêncio radical dos Alpes Julianos não são apenas construções literárias; eles são espelhos das nossas próprias neuroses e colapsos sensoriais. Da exaustão acadêmica de Zagreb ao torpor digital que nos anestesia para a alteridade, esta narrativa busca investigar o que sobra de nós quando as telas se apagam, as notificações silenciam e o tempo retoma o seu ritmo biológico, analógico e implacável.

*Toda ficção é uma tentativa de salvar o mistério da
transparência total do mundo. Que este livro seja, para
você, o que a pequena caixa de madeira escura foi para
aqueles viajantes: não uma resposta, mas uma interrupção.*

Paulito Dagen Roer

Outono de 2024

Sumário

Pág. 1 - PARTE I: O RUÍDO URBANO (Zagreb)

*Pág. 2 - Capítulo 1: O Pátio de Tijolos Cinzentos
(Universidade de Zagreb)*

*Pág. 8 - Capítulo 2: A Última Fronteira do Conforto
(Specialty Coffee Booksa)*

*Pág. 16 - PARTE II: A ZONA DE TRANSIÇÃO
(A Estrada e as Fronteiras)*

*Pág. 17 - Capítulo 3: A Falha dos Sentidos
(O Trajeto de Carro)*

*Pág. 22 - Capítulo 4: O Abismo da Hiper-Escolha
(A Parada na Fronteira)*

*Pág. 27 - PARTE III: O SILÊNCIO RADICAL
(Lago Bled e Alpes Julianos)*

*Pág. 28 - Capítulo 5: A Casa de Madeira e Água
(Chegada a Bled)*

*Pág. 33 - Capítulo 6: O Ritual do Alimento Analógico
(A Cozinha de Bled)*

*Pág. 38 - Capítulo 7: A Fantasia e o Homem Comum
(Madalena e Giovanni)*

*Pág. 43 - Capítulo 8: A Política do Eros
(A Noite do Clímax)*

Pág. 48 - Capítulo 9: O Fim da Teoria (O Desfecho)

*Pág. 54 - Epílogo: O Retorno da Matéria
(Seis Meses Depois — Obernai, Alsacia)*

Parte I: O Ruído Urbano (Zagreb)

*Capítulo 1: O Pátio de Tijolos Cinzentos
(Universidade de Zagreb)*

O corredor do Departamento de Filosofia da Universidade de Zagreb cheirava a papel úmido e café reaquecido. Era o final de outubro, e o outono balcânico colava uma névoa espessa nos vidros altos das janelas. Na sala 402, o silêncio não era de paz, mas de exaustão. Havia chegado em voos e trens noturnos, cruzando fronteiras com a pressa de quem foge ou de quem busca uma última resposta.

Eles não sabiam o porquê de estarem ali. O convite enviado pelo Professor Ravi Vlahović fora manuscrito — uma excentricidade anacrônica em tempos de e-mails instantâneos — e continha apenas uma linha: “Há algo que paramos de ver. Preciso que venham.”

Maria-Pia Deliria revisava seus próprios relatórios acadêmicos pela décima vez na tela do tablet, a luz azul refletida em suas olheiras profundas. Seus dedos tremiam levemente, um resquício das três noites seguidas sem dormir para cumprir prazos de submissão. Ela vigiava o próprio cansaço como se fosse uma falha de caráter. Seu segredo? Naquela mesma manhã, ela havia deletado sua conta de pesquisas após um ataque de pânico. Ela sentia que não

tinha mais nada a dizer ao mundo, mas não podia admitir que a máquina de produzir teses a havia quebrado por dentro.

A alguns metros, Livia Walbach mantinha o celular virado de cabeça para baixo sobre a mesa de madeira rústica. A vibração do aparelho no modo silencioso era um zumbido fantasma contra a madeira. Ela havia acabado de postar uma nota pública anunciando um "afastamento por motivos de saúde" de suas redes de culinária e antropologia. Seus milhões de seguidores não sabiam que a chef que pregava a "comida como afeto" não conseguia engolir uma refeição sólida há semanas. O alimento, para ela, havia virado apenas imagem, geometria e métrica.

Giovanni Barduro limpava os óculos obsessivamente com a barra da camisa. Olhava para os lados com a apatia típica de quem já viu todas as paisagens. No bolso do paletó, guardava o cartão de embarque de volta para Milão. Ele havia aceitado o convite de Ravi apenas para escapar do silêncio do próprio apartamento, onde a ausência de uma mulher que ele amou — e que ele mesmo afastou por pura incapacidade de suportar a intimidade — tornava as paredes sufocantes. Giovanni sofria da pior das dores

contemporâneas: a falta de dor, o anestesiamento completo do desejo.

Sentada perto da janela, Fantine Ludwig parecia pertencer a outra temporalidade. Suas unhas tinham os vestígios escuros da terra das videiras francesas. Ela não olhava para telas; observava o movimento da névoa do lado de fora. Fantine aceitara o convite porque sentia que o mundo ao seu redor estava acelerando a um ponto de ruptura, e a universidade — que um dia fora seu refúgio — agora parecia uma fábrica de conceitos vazios. Mas seu segredo era mais físico: ela estava perdendo o paladar, o principal instrumento de seu trabalho na viticultura, um colapso sensorial que ela escondia de todos.

Ao seu lado, Madalena Cálaga folheava um pequeno livro de bolso de Orhan Veli, as páginas gastas contrastando com a rigidez acadêmica do lugar. Madalena trazia nos olhos o peso de Salamanca, mas sua mente estava na Turquia de 1940. Ela era a mais jovem, porém carregava uma desilusão precoce. Seu doutorado sobre a poesia do homem comum era uma tentativa desesperada de encontrar beleza na simplicidade, porque sua vida pessoal era uma rede complexa de aparências e expectativas familiares

esmagadoras que ela havia abandonado sem avisar ninguém.

Na ponta da mesa, Alara Babiense mantinha uma postura ereta, quase militar, que contrastava com o cansaço dos demais. Como deputada no Brasil, ela vivia no epicentro do ruído, das discussões de plenário e dos ataques digitais coordenados. Ela estava ali disfarçada de acadêmica, longe dos assessores, sob o pretexto de uma licença não remunerada. O que ninguém na política sabia era que Alara estava à beira de renunciar ao mandato. A força coletiva em que ela tanto acreditava parecia ter se dissolvido em individualismo e linchamentos virtuais. Ela precisava descobrir se ainda existia humanidade fora das telas.

A porta de carvalho rangeu. O Professor Ravi Vlahović entrou sem carregar pastas, livros ou computadores. Seus cabelos grisalhos estavam desalinhados, e seus olhos carregavam uma lucidez desconfortável. Ele caminhou até o centro da sala e colocou um único objeto sobre a mesa vazia.

Não era um manuscrito inédito. Não era um manifesto

político.

Era uma pequena caixa de madeira escura, lacrada com cera vermelha, sem nenhuma inscrição, empoeirada, que ele havia retirado dos arquivos mortos da biblioteca central no subsolo.

— Vocês cruzaram a Europa porque acham que ainda são capazes de pensar — disse Ravi, a voz ecoando no teto alto da sala 402. — Mas olhem para vocês. Estão exaustos, vigiados pelas próprias telas, incapazes de sentir o peso do próprio corpo. Esta caixa pertenceu a um jovem estudante de Zagreb que se isolou nas montanhas em 1914, pouco antes da guerra, e decidiu que nunca mais falaria uma única palavra escrita ou falada. Ele a trancou e a deixou aqui.

Ele olhou para cada um dos sete rostos na sala.

— O que está aqui dentro não é uma resposta, mas uma interrupção. Nós passamos décadas acumulando dados, informações e teorias sobre o que nos adoece. Mas esquecemos como é olhar para o mistério sem tentar decifrá-lo imediatamente. Nós não vamos abrir esta caixa aqui. Se

a abriremos no meio do ruído desta universidade, ela será apenas mais um objeto de estudo.

Ravi deu um passo atrás, apontando para a janela, na direção do norte, onde os Alpes Julianos se escondiam atrás das nuvens.

— Os carros estão esperando lá embaixo. Vamos para Bled. O objeto deste encontro só fará sentido quando o silêncio de vocês for maior do que o barulho que vocês carregam nos bolsos. A questão não é o que está dentro da caixa. A questão é: quem de vocês terá a coragem de não querer saber?

*Capítulo 2: A Última Fronteira do Conforto
(Specialty Coffee Booksa)*

Ravi Vlahović pegou a caixa de madeira escura com as duas mãos, aninhando-a contra o peito como se carregasse um animal frágil. Ele não esperou por perguntas. Deu as costas ao grupo e caminhou em direção à saída da sala 402. O som de seus sapatos de sola de couro ecoou pelo corredor de teto alto, diminuindo gradualmente até ser engolido pelo murmúrio distante dos estudantes nas outras salas.

Por alguns segundos, os seis convidados permaneceram paralisados. A provocação do professor havia pairado no ar como fumaça densa.

Maria-Pia foi a primeira a quebrar a inércia. Fechou a capa do tablet com um estalo seco que pareceu um tiro no silêncio da sala. Suas mãos ainda tremiam. Ela olhou para Giovanni, esperando encontrar o habitual deboche intelectual do italiano, mas ele apenas encarava o tampo da mesa, os dedos longos traçando os sulcos da madeira velha.

— Nós vamos mesmo segui-lo? — perguntou Madalena, a

voz jovem soando quase infantil naquela penumbra. Ela apertava o livro de poemas turcos contra a saia de lã. — Ele parece... febril.

— Ele está lúcido — retrucou Alara Bahiense, levantando-se. Ela ajeitou o casaco escuro sobre os ombros com a precisão de quem vai subir a uma tribuna. — O tipo de lucidez que assusta quem passa o dia inteiro fingindo que está tudo bem. Eu vou. Se eu ficar mais uma hora nesta cidade, sinto que vou desaparecer.

Lívia Walbach pegou o celular. A tela acendeu com notificações urgentes de sua agência em Copenhague. Ela sentiu uma pontada familiar no estômago, aquela queimação ácida que a acompanhava sempre que a demanda externa tentava arrastá-la de volta. Sem olhar as mensagens, deslizou o dedo e desligou o aparelho por completo. O visor preto refletiu seu próprio rosto cansado, desprovido dos filtros digitais que costumavam suavizar suas olheiras.

— Vamos — disse Lívia, a voz seca. — Antes que eu mude de ideia e ligue essa maldita máquina de novo.

Eles desceram as escadas de pedra da universidade em silêncio, uma procissão estranha de corpos exaustos carregando bagagens leves. A névoa de Zagreb havia descido tanto que engolia os bondes azuis que passavam pela rua Donji Grad. O ar tinha gosto de carvão e inverno iminente.

Caminharam poucas quadras até o Specialty Coffee Booksa. O lugar era um híbrido de livraria independente e refúgio para intelectuais locais. Lá dentro, o calor humano, o estalar dos grãos de café na máquina italiana e o cheiro de papel antigo ofereciam um contraste quase violento com a rigidez cinzenta da faculdade.

Ravi já estava lá. Havia escolhido uma mesa nos fundos, sob uma luminária de luz âmbar que projetava sombras longas nas estantes de livros que cobriam as paredes até o teto. A caixa de madeira escura repousava exatamente no centro da mesa, ao lado de uma garrafa de água mineral e sete copos vazios.

O professor olhou para os seis que entravam. Um sorriso quase imperceptível surgiu em seus lábios.

— Sentem-se — disse Ravi, apontando para as cadeiras desparelhadas de couro e madeira. — Bebam alguma coisa. Esta é a última fronteira onde vocês ainda podem pedir algo que conforte o corpo. Na montanha, o conforto será de outra natureza.

Fantine Ludwig sentou-se ao lado de Giovanni. Ela estendeu a mão e tocou a borda do copo de vidro vazio. Seus olhos focaram na caixa.

— Por que o silêncio daquele estudante de 1914 importa agora, Ravi? — Fantine perguntou, a voz mansa, trazendo a cadência do interior da França. — O mundo já está cheio de pessoas que se calam porque não aguentam mais o barulho. O isolamento dele foi um ato de covardia ou de preservação?

Giovanni soltou uma risada curta, sem humor, antes que Ravi pudesse responder.

— Não há preservação possível, Fantine — disse o italiano, retirando um maço de cigarros do bolso, lembrando-se em seguida de que não podia fumar ali dentro. Guardou-o de volta com irritação. — O sujeito contemporâneo não se isola

para se preservar. Ele se isola porque perdeu a capacidade de suportar o outro. Nós nos calamos porque o amor virou um risco analítico alto demais. O estudante de 1914 provavelmente percebeu que as palavras iam perder o sentido antes mesmo de a guerra começar. Ele se antecipou ao nosso desastre.

Maria-Pia inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. Seus olhos fixos em Giovanni carregavam uma urgência quase dolorosa.

— Você fala como se fôssemos vítimas passivas, Giovanni. Mas nós somos os carrascos de nós mesmos. Olhe para nós nesta mesa. Nenhum de nós foi obrigado a vir aqui. Viemos porque estamos falidos por dentro. Minha tese sobre os mecanismos de controle digital é um sucesso acadêmico, e eu sinto que sou o rato de laboratório que melhor decorou o labirinto. Eu sei exatamente como a máquina me explora, e uso esse conhecimento para me explorar ainda mais, trabalhando dezoito horas por dia para provar que sou livre. Isso não é uma tragédia?

Alara Bahiense observava o debate mantendo os olhos na pequena caixa lacrada com cera vermelha. Ela percebeu

algo que os outros, em sua neurose intelectual, haviam deixado passar: a cera não estava intacta. Havia uma rachadura minúscula na lateral do lacre, como se alguém, em algum momento do último século, tivesse tentado espiar o que havia dentro e desistido na metade do caminho.

O garçom aproximou-se da mesa com uma bandeja de metal, interrompendo a tensão. Ele distribuiu as xícaras de café expresso e uma pequena travessa de pães artesanais com manteiga de ervas. O aroma forte e terroso do café subiu, ocupando o espaço entre os corpos.

Lívia olhou para o pedaço de pão à sua frente. A crosta dourada e o aroma de fermentação natural eram exatamente o tipo de perfeição estética que ela costumava fotografar para sua página. Seus dedos se moveram instintivamente em direção à bolsa à procura do celular para registrar o alinhamento da luz na mesa, mas pararam no meio do caminho ao lembrar que o aparelho estava desligado. Uma súbita onda de náusea subiu por sua garganta. Ela engoliu em seco, afastando discretamente o prato. A comida real a repelia; sem a moldura da tela, o alimento parecia denso demais, pesado demais para ser digerido.

Ao mesmo tempo, Fantine levou a xícara de café aos lábios. Tomou um gole longo, fechando os olhos para se concentrar no líquido quente. Nada. O calor estava lá, a textura densa também, mas o sabor era um deserto cinzento. A acidez do grão, as notas de chocolate que o Booksa orgulhosamente anunciava no cardápio — tudo havia sumido de sua boca. Ela olhou para o líquido escuro com um pavor silencioso. A terra havia parado de falar com ela.

Madalena, percebendo o torpor de Fantine, quebrou o silêncio com a voz suave, quase um sussurro direcionado a Giovanni:

— O poeta Orhan Veli dizia que há coisas que as palavras não conseguem dizer, e que é preciso parar em frente ao mar para entender o que não foi escrito. Talvez o estudante de 1914 não estivesse fugindo do outro, Giovanni. Talvez ele estivesse apenas tentando salvar o que há de mais simples antes que tudo virasse esse vocabulário de utilidades que vocês usam para se defender.

Ravi levantou-se, deixando algumas notas de kunas croatas sobre a mesa. Ele pegou a caixa de madeira escura

novamente.

— O café terminou — disse o professor, olhando para os copos intocados de Livia e para a xícara quase cheia de Fantine. — A névoa na estrada para o norte costuma fechar antes das quatro. É hora de cruzar a fronteira.

Parte II: A ZONA DE TRANSIÇÃO
(A Estrada e as Fronteiras)

Capítulo 3: A Falha dos Sentidos (O Trajeto de Carro)

A rodovia E61, que conecta Zagreb à fronteira eslovena, desaparecia sob um lençol de neblina densa e úmida. Dois carros pretos seguiam o veículo antigo do Professor Ravi, mantendo uma distância prudente marcada pelas lanternas traseiras vermelhas que piscavam na penumbra. O ritmo era lento. O asfalto molhado engolia o som dos pneus, transformando a viagem em uma espécie de flutuação cinzenta através de florestas despidas pelo outono.

No primeiro carro, o silêncio era quase palpável. Ravi dirigia com os olhos fixos na estrada, a caixa de madeira escura acomodada no banco do passageiro, presa pelo cinto de segurança como um ocupante silencioso. No banco de trás, Fantine Ludwig mantinha a testa encostada no vidro frio da janela. O cansaço da viagem anterior e a tensão acumulada faziam sua cabeça pulsar.

Ao seu lado, Livia Walbach mantinha as mãos firmemente cruzadas sobre o colo. Sem o peso familiar do celular entre os dedos, seus braços pareciam flutuar,

desajeitados, como membros que esqueceram sua função anatômica. Seus olhos seguiam os limpadores de parabrisa em seu movimento hipnótico de vaivém.

— Você está muito quieta, Fantine — comentou Livia, a voz saindo mais baixa do que o pretendido, abafada pela acústica do veículo. — O Booksa te deixou desconfortável?

Fantine não mudou de posição. Seus olhos continuavam fixos nas árvores escuras que passavam como espectros do lado de fora.

— Não foi o café — respondeu Fantine, após uma longa pausa. Sua voz carregava o peso da terra úmida de suas vinhas. — Foi a ausência dele.

Livia franziu a testa, virando-se ligeiramente na direção da francesa.

— Como assim?

Fantine finalmente afastou a cabeça do vidro e olhou para as próprias mãos, onde as linhas da pele ainda guardavam

a aspereza do trabalho no campo.

— *Eu não senti o gosto, Livia. Nem do café, nem da manteiga de ervas. Nada. É como se eu estivesse mastigando névoa. Há dois meses, as coisas começaram a perder o sabor. Primeiro foi o vinho novo, depois o pão, agora... tudo. Eu passo a vida dizendo às pessoas como traduzir a terra através do paladar, e a minha própria boca virou um tumulto de cinzas. Eu vim para cá porque achei que a universidade teria uma explicação intelectual para o colapso do meu corpo. Mas o Ravi nos joga uma caixa vazia na mesa e nos manda calar a boca.*

Livia soltou um suspiro que pareceu uma risada sufocada, misturada com uma amargura antiga. Ela descruzou as mãos e tocou o próprio estômago através do tecido grosso do casaco.

— *Talvez seja melhor não sentir gosto de nada, Fantine. Pelo menos você não precisa lutar contra a repulsa.*

Fantine olhou para ela, intrigada pela postura defensiva da chef dinamarquesa.

— *Repulsa? Você é uma das cozinheiras mais celebradas da Europa, Livia. Suas fotos e seus textos fazem as pessoas salivarem através de uma tela de vidro.*

— *Exatamente — disse Livia, desviando o olhar para a estrada escura. — Através do vidro. A imagem é perfeita, limpa, intocável. Mas a matéria... a matéria me dá náuseas. Há semanas eu não consigo engolir nada que não seja líquido ou pastoso. Quando olho para um prato real, com sua gordura, suas texturas e seu cheiro, eu vejo apenas o esforço mecânico da digestão. Eu transformei a comida em uma pornografia visual tão extrema para os outros que destruí a minha capacidade de me alimentar. Eu sou uma farsa que se alimenta de curtidas e passa fome no escuro.*

No banco da frente, Ravi Vlahović mantinha as mãos firmes no volante. Ele não olhou pelo retrovisor, mas suas palavras cortaram o espaço interno do carro como uma lâmina fina:

— *Vocês duas estão sofrendo da mesma doença, só que em direções opostas. Uma perdeu o mundo porque o corpo se cansou de processar estímulos vazios. A outra substituiu o mundo por uma imagem perfeita e agora o corpo rejeita a*

realidade da carne. Vocês não são farsas. Vocês são apenas o resultado exato de um mundo que exige que tudo seja exposto, consumido e digerido sem tempo para o mistério do repouso. O corpo de vocês entrou em greve antes da mente.

O carro reduziu a velocidade. Placas azuis com as estrelas da União Europeia indicavam a proximidade do posto de controle de Bregana, a fronteira entre a Croácia e a Eslovênia. As luzes de sódio da alfândega cortavam a névoa com um brilho alaranjado e artificial. O motorista do carro de trás — onde viajavam Giovanni, Maria-Pia, Madalena e Alara — buzinou levemente, sinalizando a parada iminente.

Fantine voltou a olhar para a janela, sentindo o ar esfriar ainda mais dentro do veículo. A falha de seus sentidos não era um problema médico; era uma fronteira que ela já havia cruzado muito antes de chegar aos Alpes,

Capítulo 4: O Abismo da Hiper-Escolha
(A Parada na Fronteira)

Os três carros estacionaram no pátio de asfalto rachado da alfândega de Bregana. As luzes de sódio, com seu tom alaranjado e doentio, faziam as silhuetas dos viajantes parecerem recortes flutuantes na névoa. O vento que descia dos Alpes já trazia o cheiro de neve antiga e folhas podres. Ravi recolheu os passaportes de todos para a verificação burocrática, deixando os seis convidados espalhados pelo pátio como náufragos temporários.

Giovanni Barduro caminhou até o limite do acostamento iluminado, onde a escuridão da floresta eslovena começava. Seus dedos buscavam o calor nos bolsos do casaco de lã italiana. A ausência do celular no bolso direito criava um vazio físico incômodo, um peso fantasma que fazia seu corpo pender ligeiramente para o lado. Para Giovanni, a desconexão não era um alívio; era uma exposição violenta ao próprio silêncio.

Sem o fluxo contínuo de dados para gerenciar, sua mente orbitava ao redor das telas que havia deixado para trás. Pensou nas dezenas de conversas simultâneas em aplicativos de relacionamento que mantinha em Milão.

Rostos perfeitamente catalogados, biografias resumidas em três linhas otimizadas, corpos disponíveis a um deslize de dedo. Uma engrenagem perfeita de consumo afetivo onde o risco era zero. Se um encontro ameaçava aprofundar-se em intimidade, bastava deslizar para o próximo perfil. Ele havia transformado o amor em uma busca de mercado altamente eficiente.

— Você parece um homem que foi desarmado na véspera da batalha, Giovanni.

A voz de Madalena Cálaga surgiu às suas costas, suave, mas firme o suficiente para cortar o som do vento nas árvores. Ela usava um cachecol vermelho que parecia a única nota de cor viva naquele cenário cinzento.

Giovanni não se virou imediatamente. Continuou olhando para o breu da floresta.

— Não há batalha, Madalena. Há apenas o cansaço de constatar que o mundo real é terrivelmente lento. Sem as interfaces, as pessoas exigem tempo demais para mostrar quem são. É um desperdício de energia.

Madalena deu dois passos, parando ao lado dele. Seus olhos jovens, mas carregados de uma gravidade antiga, fixaram-se no perfil aristocrático do filósofo.

— Você chama o tempo do outro de desperdício porque tem pavor do que não pode controlar — disse ela, ajeitando o pequeno livro de bolso de Orhan Veli que mantinha no bolso do casaco. — O homem comum sobre quem os poetas do movimento Garip escreviam não tinha essa obsessão por eficiência. Eles passavam tardes inteiras olhando para o reflexo da lua em uma poça de água na rua, ou esperando por uma mulher que talvez nem aparecesse. Havia beleza na ausência, na espera. O que você faz em Milão, com suas dezenas de escolhas na palma da mão, não é liberdade. É apenas uma anestesia para não precisar olhar nos olhos de ninguém.

Giovanni soltou uma risada seca, o hálito quente virando fumaça branca no ar congelante.

— A entrega total é um mito burguês, minha cara. Eva Illouz já demonstrou que o amor contemporâneo machuca exatamente porque foi racionalizado. Nós avaliamos os parceiros como ativos financeiros. Se eu me entrego à vulnerabilidade de conhecer você, ou qualquer outra pessoa

nesta mesa, eu perco a minha soberania. Eu viro um refém. O homem moderno prefere a agonia da escolha infinita à dor de uma única rejeição real.

*— E por isso você está morrendo de frio por dentro —
retrucou Madalena, sem desviar o olhar. — Você prefere o
deserto à tempestade. Mas olhe para esta névoa, Giovanni.
Ela não pede permissão para nos cobrir. Ela simplesmente
nos apaga. Há coisas que a sua soberania não pode
gerenciar.*

*Antes que Giovanni pudesse responder, o som metálico da
cabine da alfândega ecoou pelo pátio. Ravi Vlahović
caminhava de volta em direção aos carros, estendendo o
maço de passaportes carimbados. Sua silhueta cortava a luz
alaranjada de sódio, e a pequena caixa de madeira escura
continuava firme sob o seu braço esquerdo, o lacre de cera
vermelha brilhando como uma ferida aberta.*

*— A fronteira está aberta — anunciou Ravi, os olhos fixos
na proximidade desconfortável entre Giovanni e
Madalena. — O território que pisaremos a partir de agora
não aceita mais as justificativas que vocês usam para se
proteger em suas metrópoles. Entrem nos carros. A*

montanha nos espera.

Giovanni deu as costas a Madalena sem dizer mais nada, mas seus dedos, dentro do bolso, fechavam-se com força, sentindo a falta do plástico rígido do celular. Pela primeira vez em anos, ele sentiu o peso real da própria respiração.

Parte III: O SILÊNCIO RADICAL
(Lago Bled e Alpes Julianos)

Capítulo 5: A Casa de Madeira e Água (Chegada a Bled)

A estrada de montanha estreitou-se até virar um rastro de cascalho úmido, cercado por pinheiros gigantesco que bloqueavam o resto da luz do dia. Quando os carros finalmente reduziram a velocidade, o Lago Bled surgiu através da névoa como um espelho de metal polido, perfeitamente imóvel, espremido entre as encostas íngremes dos Alpes Julianos. No centro da água cinzenta, a silhueta da pequena ilha com sua igreja gótica parecia flutuar no vazio, um fragmento de tempo esquecido pelo século XXI.

A residência do Professor Ravi Vlahović ficava isolada na margem norte. Era uma estrutura exuberante e austera de madeira escura e grandes panos de vidro que avançavam sobre o cais, refletindo a rigidez da água e da pedra. Não havia postes de iluminação pública por perto; apenas a luz fraca que escapava das janelas da casa cortava a penumbra alpina.

O grupo desceu dos veículos com movimentos travados pelo frio e pelo cansaço físico. O ar ali em cima tinha uma pureza cortante que machucava os pulmões de quem estava habituado ao monóxido de carbono das metrópoles. Mas o que mais incomodava não era o frio: era o silêncio absoluto.

Um silêncio que não era a ausência de som, mas uma presença densa, um peso que fazia os ouvidos zumbirem à procura de algum ruído familiar.

Ravi abriu a pesada porta de carvalho da casa e gesticulou para que todos entrassem. O interior cheirava a resina de pinho, cera de abelha e fumaça antiga. No centro do salão principal, uma grande mesa de madeira maciça estava vazia, iluminada por um lampião de querosene.

— Deixem as malas no vestíbulo — ordenou Ravi, sua voz soando estranhamente nítida, despida das reverberações acústicas das salas de aula da universidade. — E agora, o desarmamento.

Ele caminhou até o canto da sala e trouxe uma bandeja de prata pesada, de bordas trabalhadas, colocando-a no início da mesa. Ao lado dela, repousou a pequena caixa de madeira escura com o lacre de cera vermelha rachado.

— Todos os aparelhos. Telefones, relógios digitais, tablets. Coloquem-nos aqui. Eles ficarão trancados no meu escritório até a manhã de nossa partida. Se algum de vocês

mantiver uma única tela acesa no bolso, o silêncio deste lugar será apenas uma encenação, e o objeto deste encontro se perderá.

Maria-Pia Deliria deu um passo à frente. Suas mãos procuraram o casaco e retiraram o tablet e o telefone. Ao depositá-los na bandeja, o metal produziu um som agudo que fez todos sobressaltarem. Ela olhou para os visores apagados como se estivesse se despedindo de uma parte de seu próprio sistema nervoso.

— Parece que estamos entregando nossas próteses — murmurou Maria-Pia, os olhos fixos na bandeja. — Metade do meu cérebro está armazenada nesses discos rígidos. Sem eles, eu não sei onde terminam os meus pensamentos e onde começa o mundo.

Livia Walbach e Giovanni Barduro entregaram seus aparelhos em seguida, quase sem olhar. Alara Bahiense depositou o seu com uma lentidão cerimonial, respirando fundo, como se tirasse das costas um colete à prova de balas que a protegia e a esmagava simultaneamente. Madalena e Fantine completaram o rito. A bandeja agora continha uma pequena fortuna em tecnologia, todos reduzidos a

retângulos pretos e inertes.

Ravi recolheu a bandeja e trancou-a em um armário embutido na parede, levando a chave no bolso.

— Agora vocês estão nus — disse o professor, voltando-se para o grupo. — Não há prazos para cumprir, não há métricas para acompanhar, não há mensagens para responder. Vocês têm apenas a água do lago lá fora e os próprios corpos aqui dentro.

O silêncio desceu novamente, mais pesado agora que a última ponte com o exterior havia sido cortada.

Alara caminhou até a grande janela de vidro que dava para o lago. A escuridão do lado de fora era quase total, quebrando-se apenas pelo contorno vago das montanhas contra o céu nublado. Ela abraçou o próprio corpo, sentindo um arrepio que não vinha do vento.

— O silêncio daqui é assustador, Ravi — disse Alara, sem se virar. — Na política, o barulho é o que nos mantém vivos. O barulho significa que as pessoas estão se movendo,

protestando, existindo. Aqui, parece que o mundo morreu e nós fomos os únicos esquecidos.

— O barulho que você ouve na política hoje, Alara, não é movimento — respondeu Ravi, aproximando-se da janela.
— É apenas o ruído de motores girando no vazio. As pessoas gritam nas telas porque perderam a capacidade de agir juntas na realidade. O silêncio não é a morte do mundo. É o momento em que o mundo finalmente para de exigir que você o consuma. A questão é se você consegue aguentar o que sobra de você quando o ruído acaba.

Giovanni sentou-se em uma das poltronas de couro perto da lareira apagada. Ele olhou para as próprias mãos vazias sobre os joelhos. Sem a pressa de checar as notificações, o tempo parecia ter se transformado em uma substância espessa, quase sólida, que demorava horas para passar entre as batidas do seu coração. O isolamento em Bled havia começado, e a crise de abstinência da hiperconectividade começava a se manifestar nos pequenos espasmos dos dedos de cada um deles.

*Capítulo 6: O Ritual do Alimento Analógico
(A Cozinha de Bled)*

A cozinha da residência de Ravi era um espaço amplo, dominado por uma bancada de pedra cinzenta e um fogão de ferro fundido alimentado a lenha. Não havia eletrodomésticos modernos; nem batedeiras, nem balanças digitais, nem luzes de LED indicando temperaturas exatas. Janelas altas davam para o cais, onde a água escura do lago batia ritmicamente contra as estacas de madeira. O som analógico da lenha estalando no fogo era a única moldura sonora da sala.

Livia Walbach encarava os ingredientes dispostos sobre a pedra: duas trutas frescas trazidas por Ravi, um punhado de batatas rústicas ainda sujas de terra, cebolas roxas, ramos de alecrim e dentes de alho. Para o milhão de seguidores de seu canal, aquela imagem seria o início de um vídeo esteticamente perfeito, coreografado milimetricamente sob luzes difusas. Mas ali, sob a luz fraca de uma lâmpada comum e sem uma lente entre seus olhos e a matéria, Livia sentia o peso bruto da realidade.

Suas mãos, acostumadas a segurar o celular para

enquadrar o prato, tatearam o cabo de uma faca de chef pesada. Uma gota de suor frio desceu por sua nuca. O cheiro do peixe cru e o toque viscoso de sua pele escamosa acionaram um alarme em seu estômago. A náusea habitual subiu por sua garganta. Ela travou, a faca suspensa no ar.

— Comece pelas batatas — disse Fantine Ludwig, aproximando-se sem fazer barulho. Seus sapatos de camurça pisavam suavemente no chão de tábuas largas. — A terra limpa a mente. Deixe o peixe para depois.

Lívia olhou para Fantine com um misto de alívio e vergonha. Largou a faca, as mãos levemente trêmulas.

— Eu não sei se consigo, Fantine — confessou Lívia, a voz quase sumindo no calor que subia do fogão. — Se eu não posso transformar isso em uma narrativa, se eu não posso moldar a percepção de quem está olhando, isso vira apenas... bicho morto e terra. Perde o sentido. Eu fico vazia, e a matéria me esmaga.

Fantine pegou uma das batatas. Suas unhas escuras de

viticultora afundaram na casca fina, liberando o aroma de raiz e solo úmido. Ela levou a batata até o nariz de Livia.

— Esqueça o sentido, Livia. Sinta o cheiro. O que você sente?

Livia aproximou-se, respirando fundo.

— Cheira a chuva. A porção úmido.

— Sim — disse Fantine, fechando os olhos com uma expressão de dor contida. — Eu me lembro desse cheiro. Sei exatamente o que ele significa, embora, se eu morder esta batata agora, ela seja apenas uma massa sem identidade na minha boca. Minhas memórias aromáticas são tudo o que me sobrou. Eu guio você pelo que lembro, e você me devolve a realidade através das suas mãos. Vamos cozinhar para eles como faziam as pessoas que não precisavam provar nada a ninguém. Apenas para que eles não morram de fome esta noite.

Livia pegou um descascador antigo. O movimento repetitivo de raspar a pele das batatas, deixando a polpa

amarela exposta, começou a agir como um sedativo. Pela primeira vez em semanas, a urgência de registrar o momento foi substituída pela urgência do próprio gesto.

Fantine aproximou-se do peixe. Com a ponta dos dedos, tocou as guelras vermelhas da truta.

— Elas foram pescadas hoje de madrugada — disse a francesa, os olhos fixos no animal. — O alecrim vai cortar a gordura. Mas não use o cronômetro para o forno, Livia. Use o ouvido. Quando a gordura do peixe começar a estalar contra o ferro, é porque a carne está pronta para se soltar da espinha. O tempo da comida não é o tempo do relógio; é o tempo do fogo.

Livia começou a picar o alecrim. O óleo essencial da erva cobriu seus dedos, um perfume verde e resinoso que parecia preencher os cantos escuros da cozinha. Ela olhou para as próprias mãos sujas de sumo de ervas e amido de batata. Não havia glamour ali. Havia apenas trabalho, tempo e transformação.

Quando o peixe foi finalmente colocado na assadeira de

ferro e empurrado para o interior do fogão lenha, o som do cozimento começou a ecoar pela cozinha — um chiado suave, constante, rítmico. Livia encostou-se na bancada de pedra, respirando o vapor que subia das frestas do forno. A náusea havia desaparecido, substituída por uma exaustão limpa, física.

— Você está vendo? — perguntou Fantine, apontando para a janela.

Do lado de fora, no salão principal, os outros personagens aguardavam ao redor da mesa sob a luz do lampião. Eles não conversavam; apenas esperavam pelo alimento, movidos por uma necessidade puramente biológica que o silêncio da montanha havia despertado.

Livia olhou para as próprias mãos vazias de tecnologia e, pela primeira vez em muito tempo, não sentiu a necessidade de preencher o vazio com uma imagem. O alimento havia voltado a ser um ritual de sobrevivência e comunhão.

*Capítulo 7: A Fantasia e o Homem Comum
(Madalena e Giovanni)*

Após o jantar, o silêncio dentro da casa tornou-se tão denso que a única alternativa era o lado de fora. Madalena Cálaga abriu a porta de vidro que dava para o cais e caminhou em direção às margens do lago. A névoa alpina havia subido ligeiramente, revelando a linha preta da água e o contorno recortado dos pinheiros contra um céu sem estrelas. O ar gelado bateu em seu rosto como uma advertência, mas ela continuou avançando pelo caminho de cascalho.

Atrás dela, o som de passos pesados quebrou o ritmo da noite. Giovanni Barduro aproximava-se com as mãos enfiadas profundamente nos bolsos do paletó, o colarinho levantado para proteger o pescoço do vento cortante.

— Você vai acabar congelando aqui fora — disse ele, a voz soando áspera no ar úmido. — O professor não tem um pronto-socorro perto desta montanha.

Madalena não parou. Continuou caminhando com os olhos fixos na silhueta vaga da igreja gótica na ilha

central.

— O frio limpa a cabeça, Giovanni. Lá dentro, o cheiro do alecrim e o som das respirações estavam me sufocando. Parece que estamos todos esperando por um diagnóstico que ninguém tem coragem de dar.

— O diagnóstico já foi dado — retrucou Giovanni, parando a um metro dela, as botas estalando contra as pedras soltas do caminho. — Nós fomos desinfetados do mundo. Sem nossas conexões, viramos apenas corpos que ocupam espaço e consomem oxigênio. Olhe para nós. Uma chef que não consegue comer, uma viticultora que não sente gosto, e eu... que não sinto absolutamente nada por ninguém que não esteja mediado por uma tela. Estamos falidos.

Madalena parou e virou-se devagar. A luz fraca que vinha das janelas da residência de Ravi iluminava apenas metade de seu rosto, deixando seus olhos em uma penumbra profunda.

— Você tem uma obsessão quase erótica pela própria

decadência, Giovanni. Acha que o seu cinismo é uma forma de lucidez. Mas sabe o que eu vejo quando olho para você? Alguém que substituiu a imaginação pela contabilidade.

— Contabilidade? — Giovanni soltou uma risada curta, o hálito quente virando fumaça branca entre os dois. — Eu sou um filósofo, Madalena. Eu destruo mitos, não faço contas.

— Você faz contas com o afeto — insistiu ela, dando um passo em direção a ele. — Você calcula o risco de se entregar, calcula o custo emocional de um encontro, filtra as pessoas em Berlim ou Milão como se estivesse escolhendo um artigo acadêmico em uma biblioteca. Você eliminou a distância que permite o nascimento do desejo. Sem a distância, não há mistério. E sem mistério, a imaginação morre.

Madalena desviou o olhar para o lago escuro e, com uma voz que perdeu a rigidez acadêmica para assumir uma cadência musical e melancólica, recitou de memória um poema de Orhan Veli, o poeta do movimento Garip:

*“Para o mar que se estende ao longe,
Para as coisas que as palavras não dizem,*

*Para o homem que passa sem deixar rastro...
Eu olho e entendo o que não foi escrito.
Há uma dor que não precisa de nome,
E uma beleza que só existe porque vai passar.”*

O silêncio que se seguiu ao poema não foi o silêncio vazio da montanha, mas uma pausa grávida de significado. Giovanni deu um passo à frente, quase sem perceber. Pela primeira vez em anos, ele não sentiu o impulso de categorizar o que estava ouvindo ou de rebater a fala com uma citação teórica de Eva Illouz. A crudeza dos versos do homem comum turco havia perfurado sua blindagem intelectual.

Sua mão direita moveu-se milimetricamente para fora do bolso, aproximando-se da borda do cachecol vermelho de Madalena. Houve um quase-toque — a fração de segundo onde a pele busca o calor da outra pele, suspendendo o tempo. O vento alpino soprou mais forte, agitando a superfície do lago e fazendo a água bater contra o cais com um som surdo, de carne contra madeira.

Giovanni recuou a mão, os dedos fechando-se novamente no escuro do bolso. O medo terrível da vulnerabilidade, a

vertigem de ser visto por inteiro sem o escudo de suas teorias, travou seu corpo.

— A beleza que passa — murmurou Giovanni, os olhos fixos no chão de pedra. — O problema é que o homem moderno quer que ela fique registrada, etiquetada e arquivada. Nós não sabemos mais lidar com o que some no escuro, Madalena.

— Mas é exatamente o que some no escuro que nos salva, Giovanni — respondeu ela, voltando a caminhar em direção à casa, deixando-o sozinho na margem do lago. — O estudante de 1914 entendeu isso. Ele preferiu guardar o mistério em uma caixa de madeira a deixar que o mundo o transformasse em uma mercadoria útil.

Giovanni permaneceu parado no cais por longos minutos, olhando para a névoa que engolia os últimos vestígios da ilha central. Seus dedos ainda guardavam a memória térmica do ar próximo ao corpo de Madalena — um calor analógico que nenhuma tela de vidro jamais conseguiria simular.

Capítulo 8: A Política do Eros
(A Noite do Clímax)

Por volta das dez da noite, o vento que descia dos Alpes Julianos mudou de direção, trazendo uma tempestade violenta que riscou o céu sobre o Lago Bled. Ramos de pinheiro batiam contra as grandes vidraças da residência, e o som do granizo na cobertura de zinco parecia querer arrancar a casa de suas fundações de pedra. A eletricidade, que já oscilava, caiu de vez. O salão principal foi engolido pela escuridão, restando apenas o brilho trêmulo das brasas na lareira e a chama fraca do lampião de querosene no centro da mesa.

Os sete personagens se espremeram ao redor do fogo, buscando o calor físico que o isolamento e o clima tentavam roubar. Maria-Pia Deliria estava sentada no chão, com os joelhos abraçados contra o peito. Suas olheiras pareciam ainda mais profundas sob a luz avermelhada do fogo.

— Esta tempestade é perfeita — disse Maria-Pia, a voz cansada competindo com o barulho dos trovões lá fora. — É a materialização do colapso. Sem o fluxo de dados para nos dizer o que está acontecendo no resto da Europa, nós somos

apenas poeira presa em uma cabana de madeira. Eu sinto uma urgência quase física de saber as notícias, de checar os índices, de ver se o mundo ainda existe fora desta montanha. Essa angústia é a prova de que a máquina nos colonizou por completo. Nós não somos mais indivíduos; somos terminais que entram em curto-circuito quando perdem o sinal.

Alara Bahiense, que permanecera em silêncio durante quase toda a noite, moveu-se na cadeira de balanço de madeira. O reflexo das chamas dançava em sua pele escura, conferindo-lhe uma gravidade quase ancestral. Ela olhou para Maria-Pia e depois para Giovanni, que continuava isolado em seu próprio silêncio cinzento.

— O que vocês chamam de colonização da máquina, eu chamo de covardia coletiva — disse Alara, a voz firme, acostumada a calar o barulho de plenários barulhentos. — Nós nos isolamos em nossas pequenas dores intelectuais porque é mais fácil sofrer de exaustão do que agir com o outro. Na política do meu país, eu vejo as pessoas se destruindo diariamente através de telas de vidro. Elas acham que estão fazendo revolução ao linchar alguém no ambiente digital. Mas isso não é ação; é apenas o egoísmo

narcisista disfarçado de virtude.

Ravi Vlahović, sentado no canto mais escuro do salão, atçou o fogo com uma barra de ferro. Faíscas douradas subiram pela chaminé. Ele não olhou para Alara, mas sua provocação foi imediata:

— E qual é a alternativa, deputada? Voltar para o parlamento e fingir que as leis que vocês escrevem ainda têm algum poder sobre um mundo governado por algoritmos e fluxos financeiros invisíveis? O isolamento deste estudante de 1914 foi uma recusa política. Ele percebeu que o sistema transforma qualquer ação coletiva em mercadoria.

— Não, Ravi, você está errado — retrucou Alara, inclinando-se para a frente, apoiando as mãos nos joelhos.

— O isolamento puro é uma vaidade burguesa. O estudante de 1914 trançou o seu mistério nesta caixa e nos deixou aqui debatendo a sua ausência enquanto o mundo real continua sangrando. O Eros não é essa melancolia que o Giovanni cultivava como um troféu, e não é a busca por um amor perfeito e higienizado. O Eros é a força violenta que nos arranca do nosso próprio umbigo e nos força a olhar

para o sofrimento do outro. É o desejo de construir algo com quem nós não conhecemos e, muitas vezes, com quem nós não suportamos.

Madalena Cálaga olhou para Alara com os olhos brilhando pela proximidade do fogo.

— O homem comum... — sussurrou a espanhola.

— Sim, Madalena — continuou Alara. — O homem comum que sofre na fila do hospital, que não tem tempo para ler teses sobre a sociedade do cansaço porque está ocupado demais tentando sobreviver ao dia de amanhã. Eu vim para este encontro querendo renunciar ao meu mandato. Eu estava exausta de ser atacada por robôs digitais e de ver a esperança coletiva se dissolver em individualismo. Mas olhar para vocês nesta mesa, ver como vocês estão famintos de realidade apesar de todo o conhecimento que acumularam, me deu a resposta. A política só faz sentido se ela nascer do encontro real, do toque analógico, do risco de se machucar pelo outro. Nós não fomos feitos para o deserto.

Maria-Pia escondeu o rosto entre as mãos. Seus ombros tremeram levemente. Pela primeira vez em anos, ela não tentou teorizar o seu choro. Era apenas a dor limpa de um corpo que aceitava a sua exaustão e a sua necessidade de amparo. Fantine Ludwig moveu-se pelo chão e colocou a mão sobre as costas de Maria-Pia, mantendo o toque firme e silencioso enquanto a tempestade sacudia as paredes da casa.

Giovanni olhava para Alara como se estivesse diante de uma aparição incômoda. A certeza de suas teorias sobre o fim do amor e a agonia do Eros parecia frágil diante da urgência física daquela mulher que operava no coração do conflito real. O fogo da lareira começou a diminuir, deixando o grupo na penumbra avermelhada das brasas, mas a atmosfera no salão havia mudado. O isolamento em Bled já não parecia uma fuga, mas a preparação para um retorno inevitável e doloroso.

Capítulo 9: O Fim da Teoria (O Desfecho)

O amanhecer sobre os Alpes Julianos veio com uma calma absoluta, como se a tempestade da noite anterior tivesse lavado o céu e a terra. A névoa espessa que cobria o Lago Bled havia se dissipado por completo, revelando uma água azul-escura, fria e translúcida, que refletia a geometria perfeita dos pinheiros e o contorno afiado das montanhas salpicadas de neve nova. O ar tinha o cheiro limpo e cortante do gelo.

O grupo reuniu-se no cais de madeira da residência. Suas silhuetas projetavam sombras longas sobre as tábuas úmidas, que estalavam suavemente sob o peso dos passos. Eles vestiam seus casacos pesados, prontos para a partida, mas ninguém se movia em direção aos carros.

No final do cais, exatamente onde a madeira encontrava o abismo líquido do lago, o Professor Ravi Vlahović havia colocado a pequena caixa de madeira escura. O sol da manhã batia diretamente sobre o lacre de cera vermelha, fazendo a rachadura minúscula na lateral brilhar como um fio de ouro. Ao lado da caixa, repousava uma pequena

faca de metal, o instrumento perfeito para romper o selo do último século.

— O tempo do isolamento acabou — disse Ravi, quebrando o silêncio com uma voz desprovida de solenidade acadêmica. — A estrada para Zagreb está limpa. Os celulares de vocês estão de volta nos carros, desligados, esperando para serem reativados pelo mundo. Mas antes que vocês partam, a grande questão do nosso encontro precisa ser respondida.

Ele apontou para a faca sobre as tábuas.

— O que está aqui dentro pertence a um tempo em que as palavras ainda tentavam salvar o mundo. Nós passamos dois dias despindo nossas neuroses, confessando nossas falhas sensoriais, nossa incapacidade de amar e nosso esgotamento diante da máquina que criamos. Vocês acumularam teorias a vida inteira para decifrar a realidade. Agora, a faca está aqui. Quem de vocês vai romper a cera para transformar este mistério em mais um dado de informação?

Os seis convidados olharam para a caixa.

Maria-Pia Deliria deu um passo à frente, mas parou a um metro do objeto. Suas mãos, que antes tremiam pela ausência das telas, estavam firmes dentro dos bolsos. Ela olhou para a caixa e depois para o reflexo das montanhas na água.

— Se eu abrir esta caixa — disse Maria-Pia, a voz mansa, mas resoluta —, eu estarei alimentando o mesmo monstro que me adoeceu. O monstro que exige que tudo seja transparente, catalogado e consumido. Eu passei a vida achando que a resposta estava no acúmulo de conhecimento, mas o que me salvou ontem à noite foi o toque da mão de Fantine nas minhas costas no escuro. Eu não quero abrir a caixa. Eu escolho não saber.

Livia Walbach aproximou-se e colocou a mão no ombro de Maria-Pia. Ela respirou fundo, sentindo o ar congelante preencher seus pulmões sem a náusea dos dias anteriores.

— A comida que nós fizemos ontem fez sentido porque alimentou corpos reais no silêncio — disse Livia, olhando

para Ravi. — Se abrirmos isso, transformaremos o silêncio daquele estudante de 1914 em um fetiche visual, em uma história para ser contada e exibida. O Eros morre quando tudo é exposto. Deixemos que o mistério permaneça fechado.

Giovanni Barduro deu dois passos longos e parou ao lado de Madalena Cálaga. Ele não olhou para a caixa; olhou para o perfil da jovem socióloga, cujos olhos castanhos acompanhavam o movimento de um pequeno barco de madeira que cruzava o lago ao longe. Seus dedos roçaram de leve na lã do cachecol vermelho dela. Dessa vez, ele não recuou a mão. Aceitou a vertigem da proximidade, o risco analítico da incerteza.

— A agonia do nosso tempo nasce da nossa obsessão pelo controle — murmurou Giovanni, e suas palavras pareceram uma confissão direcionada apenas a Madalena. — Nós destruímos a fantasia porque não suportamos a ausência. Queremos a luz total, a nitidez absoluta. Mas a poesia só existe na penumbra. Eu voto por deixar a caixa como ela está.

Alara Bahiense caminhou até a extremidade do cais. Ela agachou-se, pegou a faca de metal e, em vez de aproximá-la

do lacre de cera, jogou-a no meio do lago. O objeto cortou o ar e entrou na água com um som curto, deixando círculos concêntricos que se espalharam e sumiram rapidamente na superfície espelhada.

— Nós não precisamos de mais teorias sobre o silêncio — disse Alara, levantando-se e olhando para o grupo com uma lucidez renovada. — Nós precisamos levar este silêncio de volta para o ruído do mundo. Eu vou voltar para o Brasil, vou entrar naquele plenário e vou falar para pessoas reais, não para telas. A política só recomeça quando nós aceitamos que há coisas que escapam ao nosso gerenciamento.

Ravi sorriu, um sorriso largo e cansado de quem havia alcançado o seu propósito. Ele caminhou até a borda do cais, pegou a pequena caixa de madeira escura com as duas mãos e, com um movimento firme e vigoroso, lançou-a em direção ao centro do Lago Bled.

O objeto riscou o azul do céu de outono e caiu na água com um baque surdo. Por alguns segundos, a cera vermelha flutuou na superfície, brilhando sob o sol alpino, antes que o peso da madeira secular e dos segredos guardados a

arrastasse para as profundezas congelantes do lago, onde o estudante de 1914 finalmente encontraria o seu repouso definitivo.

Os sete personagens permaneceram parados no cais, observando o local onde a água havia se fechado. Não havia mais nada a dizer. A teoria havia terminado, e a vida, com toda a sua opacidade, crueza e beleza analógica, estava pronta para recomeçar.

Eles deram as costas ao lago e caminharam juntos em direção aos carros.

Epílogo: O Retorno da Matéria

Seis Meses Depois — Obernai, Alsácia

O sol da primavera cortava as fileiras de videiras aos pés do Monte Sainte-Odile com uma luz dourada e límpida. O vento que soprava das encostas dos Vosges trazia o cheiro de terra aquecida e flores silvestres, um contraste absoluto com a névoa sufocante de Zagreb ou o isolamento congelante dos Alpes.

Fantine Ludwig caminhava entre as plantas do terroir que pertencera ao seu avô, tocando os brotos verdes de Chardonnay com as pontas dos dedos ásperos. Ela vestia suas roupas de trabalho, as botas sujas de argila e cascalho calcário. Pela primeira vez em quase um ano, seu corpo não pesava. A angústia de carregar um deserto na boca havia desaparecido nas semanas que se seguiram à viagem a Bled, dissolvida no mesmo ritmo lento com que as velhas videiras da Alsácia acordam depois do inverno.

Sobre uma mesa de madeira rústica, no pátio interno da propriedade familiar de arquitetura enxaimel, repousava uma garrafa de Chardonnay da safra nova, duas taças de vidro e uma carta que havia chegado de Milão naquela

manhã. Não continha carimbos acadêmicos, apenas uma caligrafia firme e menos cínica. Giovanni Barduro escrevia que havia deletado seus perfis virtuais; contava que ele e Madalena haviam se reencontrado em Salamanca, não para debater teorias, mas para caminhar pelas ruas de pedra sem rumo, reaprendendo a suportar a lentidão do olhar do outro.

Na mesma mesa, um pequeno caderno trazia anotações manuscritas de Livia Walbach, enviadas por correio de Copenhague. Livia escrevia que seu restaurante havia reaberto com apenas quatro mesas e sem cardápio fixo. Ela não usava mais o celular na cozinha. Cozinhou apenas o que o mercado local oferecia no dia, e suas mãos agora carregavam cicatrizes reais de fogo e faca, marcas de uma reconciliação dolorosa e autêntica com a matéria. Do Brasil, as notícias de Alara Babiense falavam de assembleias barulhentas em comunidades periféricas, onde a deputada gastava a sola dos sapatos ouvindo o homem comum, longe das métricas das redes sociais. E Maria-Pia, segundo Ravi informara em um breve bilhete, havia retornado às aulas em Zagreb, mas agora ensinava seus alunos a ler os clássicos sob a sombra das árvores do pátio, proibindo qualquer tela acesa em suas manhãs.

Fantine aproximou-se da mesa. Ela não pegou a carta, nem o caderno. Seus olhos focaram na garrafa de vinho que trazia o selo de sua família.

Com as mãos livres de qualquer urgência, ela serviu uma pequena quantidade do líquido amarelo-palha, brilhante, na taça de vidro. O aroma subiu imediatamente — um perfume delicado de maçã verde, flores brancas e aquela assinatura mineral, quase salina, que a rocha calcária de Obernai imprimia nas raízes. Ela fechou os olhos, não para se isolar, mas para se entregar.

Levou a taça aos lábios e tomou um gole curto.

O líquido tocou a ponta de sua língua. Por uma fração de segundo, o fantasma do deserto cinzento ameaçou voltar. Mas então, como uma faísca que acende no escuro, o milagre da matéria aconteceu.

Primeiro veio a acidez vibrante, viva, que fez suas glândulas salivares despertarem. Depois, a textura amanteigada sutil do Chardonnay, o gosto da fruta madura apanhada no tempo certo e a pureza da pedra que

o avô tanto reverenciava. O mundo não era mais uma teoria abstrata ou uma imagem digital na tela de um computador. O mundo tinha peso, tinha carne e, finalmente, tinha sabor.

Fantine engoliu o vinho devagar, sentindo o calor e o frescor descenderem por sua garganta. Ela abriu os olhos e olhou para a imensidão verde que subia em direção às colinas da Alsácia. Uma lágrima solitária abriu um rastro limpo na poeira de seu rosto.

A agonia do Eros havia terminado. A vida, em toda a sua opacidade e beleza analógica, havia sido recuperada.

“Há algo que paramos de ver. Preciso que venham.”

Com esta única linha manuscrita, o recluso Professor Ravi Vlahović convoca seis intelectuais exaustos de diferentes cantos da Europa para a sala 402 da Universidade de Zagreb. Sobre a mesa vazia, ele deposita apenas uma pequena caixa de madeira escura, lacrada com cera vermelha em 1914 por um jovem que escolheu o silêncio absoluto às vésperas da guerra.

O desafio proposto é uma violência contra o homem contemporâneo: a jornada até uma residência isolada no Lago Bled não é para decifrar o mistério, mas para descobrir quem terá a coragem de não querer saber.

Desarmados de suas telas e imersos no silêncio radical dos Alpes Julianos, uma chef que não consegue comer, uma viticultora que perdeu o paladar e um filósofo incapaz de amar serão forçados a encarar o que sobra de si mesmos quando o ruído do mundo finalmente cessa.

Paulito Dagen Roer constrói um romance poético e existencialista primoroso, onde os grandes dramas da cultura digital e o esgotamento contemporâneo deixam de ser conceitos abstratos para se tornarem carne, osso, silêncio e redenção.

ISSN 978-871295-121-0



9 788875 153110